

# **Jornalismos com convergências midiáticas nativas e tecnologias incessantes<sup>1</sup>**

Por  
**S.Squirra**

## **Resumo**

As tecnologias constituem parte essencial e permanente das sociedades. Indissociável das ações humanas têm composto a realidade profunda dos comunicadores e das práticas jornalísticas em todas as formas e processos. A evolução tecnológica faz com que aparatos digitais materializem conteúdos em telas híbridas e as convergências midiáticas permitem a produção de mensagens por outros atores, antes consumidores de notícias. A multiplicação das tecnologias, que capacitam o intercâmbio incessante de dados e informação, é que dá estrutura para uma frondosa ampliação da produção jornalística, indicando que os centros de formação de comunicadores deverão esmerar a instrução tecnológica em todas as dimensões. Na base midiática da comunicação ampla e infinita convergem as condições para introduzir o termo wikimídia neologismo para o universo das mídias rápidas, fundidas e ubíquas. Por fim, indica-se que o jornalismo deverá investir na promoção de diálogos com as ciências tecnológicas, com pesquisas transversais no modelo da investigação colaborativa.

**Palavras-chave:** jornalismo digital; convergência midiática; tecnologias digitais da comunicação; wikimídia

## **Introdução**

É justo aceitar que nos dias atuais, todas as formas massivas da comunicação - concretizadas pela ampla disseminação das tecnologias - dependem radicalmente dos processos digitais para o acesso, a codificação, a produção e a difusão de dados e informações à sociedade. Neste contexto, é crucial asseverar que o domínio pleno das tecnologias tornou-se essencial para todos os comunicadores<sup>i</sup>. Olhando a evolução desse setor, é seguramente sustentável colocar que, atualmente, as múltiplas formas das convergências tecnológicas digitais configuram-se como elementos estruturantes para todas as ações dos jornalistas. Isto, pois o comportamento do mercado vem demarcando que, para competir eficazmente na vida profissional (na academia ou fora dela), o conhecimento e o pleno domínio das tecnologias digitais são antecedentes conceituais imprescindíveis e que diferenciam positiva ou negativamente um especialista do outro.

---

<sup>1</sup> Texto publicado no livro **Comunicação , tecnologia e inovação**, organizado por José Ferreira Jr e Márcio Carneiro dos Santos, pela Editora Buqui, Porto Alegre, 2013, p.9-24, ISBN 978-85-8338-000-9

Há décadas, a realidade vem insistentemente apontando que dos jornalistas é requerido muito mais que um bom texto, o domínio adequado da língua, uma boa articulação lógica, cultura consistente, boa agenda, trabalho pesado (muito suor!), além de enorme talento e infatigável garra. Estes são predicados fundamentais, mas na atualidade se configuram como condição primeira de acesso aos processos de seleção. Hoje se exige muito mais, pois, da sala de redação do passado (onde imperavam as barulhentas máquinas de datilografar, os teletipos, os arquivos escassos, difíceis e distantes, os telefones pesados e o tempo corria em batimentos cadenciados, dentro de uma *cultura* analógica), às unidades digitais integradas da produção *entrelaçada* dos dias atuais (onde proliferam computadores potentes, em rede contínua e os gigantescos bancos de dados são facilmente acessíveis, requerendo rapidez e domínio ímpares no manuseio das máquinas e softwares específicos), e no território da abstração plena, da alfabetização digital consistente [o que Bruce Garrison chamou de “jornalistas alfabetizados em computadores” (1995, p.311)] e da virtualidade incessante, muitas variações tecnológicas foram inseridas e passaram a permear a realidade da captação, produção e divulgação de notícias, em todos os inovadores formatos e suportes de mídia da atualidade.

### **Tecnologias digitais onipresentes**

A tecnologia digital materializa hoje todos os inumeráveis modelos de produção e difusão de informação, sejam estes elaborados por jornalistas ou não. Assim, a concretude dos territórios de consumo e produção de informação audiovisual e textual abriu portas para que o domínio dos processos pudesse chegar a outros produtores, indo além dos jornalistas. Tal possibilidade é uma conquista advinda da evolução da tecnologia, que ao exponenciar sua produção, conquistou outros segmentos sociais, revelando que com a adesão maciça a sociedade se tornou melhor aparelhada, mais participativa, sedenta por pluralidade analítica e de precisão nos relatos. E se encontra muito mais conscientizada – e mobilizada - quanto às realidades interligadas dos incontáveis jogos políticos, econômicos, sociais, culturais etc. que, anos atrás, quando as tecnologias comunicacionais eram unidirecionais e individuais e não tão profícuas, pervasivas, intraconectadas e ubíquas como nos dias atuais.

Com a contínua convergência de equipamentos e recursos - cada vez menores, mais simples e baratos - que trouxeram as facilidades da comunicação móvel e a amigabilidade de operação dos aparelhos e sistemas tecnológicos, houve radical alteração nos modelos de

elaboração, difusão e consumo de informação. Em *ondas* ininterruptas de substituição, com usos mais fáceis, melhores performances e sedução constante, a tecnologia possibilitou que segmentos sociais determinassem que seriam eles que definiriam o que consumir, em qual momento, em que local, indicando a forma individual de mergulhar nas informações. E isto se configura como radicalmente diferente do que se praticava, sendo mesmo um fato altamente transformador, pois permitiu romper com o modelo – linear e unidirecional – até então vigente, no qual *iluminados* jornalistas e editores, através dos relatos selecionados e editados (e, obviamente, falando em nome dos proprietários das casas editoras e de seus prepostos) praticamente determinavam quais seriam os padrões comportamentais e os valores sociais (políticos, econômicos, históricos etc.) que os integrantes da coletividade deveriam receber para se orientar, acreditar e reproduzir. Neste passado ainda não tão distante e com a tecnologia não tão plural, aqueles profissionais atuavam quase como *semideuses*, pois *incorporavam* a incumbência da seleção, formatação e difusão dos atos, conceitos, juízos e processos a partir de relatos recortados e pré-moldados com os quais definiam o que seria difundido como *a verdade* para os receptores dessas mensagens. Isto é, para a massa passiva que consumia o conjunto de enunciados então disponibilizados abertamente a todos.

Esse cenário foi alterado, uma vez que as tecnologias comunicacionais digitais permitem romper com a cadeia da *mão única*, pois com as múltiplas formas de conexão, acessos e trocas, o modelo se tornou ultrapassado trazendo para a arena novos - e não controlados – produtores, acirrando a concorrência. E mais: esses inovadores processos tecnológicos fizeram com que as próprias casas editoriais, que até então viviam tranqüilas e dominavam os territórios comerciais, tivessem que se mover e repensar seus modelos de negócios (VILCHES, 2003, p.55). Caso contrário, desapareceriam no furacão tecnológico que chegou e deve permanecer indefinidamente. Nesse território de mudanças contínuas, fala-se mesmo no fim dos jornais impressos.

Os inúmeros recursos tecnológicos da atualidade fazem com que cada ser humano tenha à disposição, num único dia, volume infinitamente maior de acesso às fontes de conhecimento que seus antecessores alcançaram durante todas as suas vidas. Neste contexto, surge o que foi cunhado como jornalismo *online*. O termo surgiu com a obra *Online Journalism*<sup>ii</sup>, de Randy Reddick e Elliot King, que explicavam como os jornalistas deveriam passar a usar as tecnologias digitais de conexão e investigação para melhor realizar seu

trabalho (1995, p. 210). A partir daquele momento, para o lazer ou para o trabalho, as pessoas passaram a acessar os dados com a mediação das tecnologias em tempo real e hoje, de forma incessante, tomam ciência de mais e mais informações sobre o mundo em que vivem do que em qualquer outro momento da história. Pesquisadores indicavam que no final do século passado um jovem estaria experimentando o dobro de ofertas de aparelhos tecnológicos que seus pais, quando estes eram jovens. E pontuavam que quando esse jovem tivesse 30 anos, tornaria a dobrar o volume e quando chegasse aos 70 anos, estaria experimentando 5 vezes o número de ofertas. Tudo isso indicava que corajosas revisões deveriam se dar nos veículos, mas também nos cursos que formam os profissionais da área da comunicação, sendo justo lembrar que, apesar das questionáveis razões que apresentam alguns dirigentes ainda resistem aos avanços tecnológicos, em ações que se confirmam mais como demonstrações de cegueira no reconhecimento das qualidades endogênicas do mundo moderno e de suas qualidades.

Sabe-se que o controle do conhecimento e o domínio do aparato tecnológico digital azeitam a economia, facilitando todas as suas implicações no presente e as suas projeções futuras, denotando relação imediata com os jornalistas e, conseqüentemente, com os estudantes de jornalismo. E jornalista trabalha com dados e informações armazenados (agora em imensos e infindáveis bancos de dados) ou dispersos no meio social (hoje muito mais complexo que tempos atrás). No primeiro modelo, a tecnologia possibilita acesso e intercâmbio com gigantescos volumes de dados a partir de conjuntos de interfaces (PAVLIK, 1996, p.373) que permitem o acesso à informação em tempo real e/ou aquela armazenada nos equipamentos digitais, agora nas *mídias rápidas* (wikimídia) e estocadas *nas nuvens*. Estudo anteriormente feito<sup>iii</sup> apontou a extrema necessidade da realização de pesquisas em bancos de dados digitais online para a criação, estruturação e enriquecimento de relatos jornalísticos confiáveis.

Em território de acirradas especializações e dinamização das competências, os jornalistas precisam lutar para garantir espaço. E se torna fundamental especialização para o diálogo com áreas até então consideradas *distantes* (engenharia, física, matemática, programação etc.) caso contrário, estes serão (de fato, estão sendo) engolidos no processo. Assim, os jornalistas devem se convencer que as interações com os profissionais das ciências tecnológicas devem ser fortemente estimuladas, requerendo intercâmbios antes irracionalmente inviabilizados. O que se constata é que as *linhas demarcatórias* do passado

não mais se justificam, revelando que em todos os processos da vida contemporânea os limites entre as habilitações, que estavam confortavelmente estanques até tempos recentes, se tornaram frágeis, antiprodutivos e, por isso, inadequados no contexto altamente tecnologizado do presente.

### **Realidade acadêmica ainda ressabiada**

Evidencia-se a necessidade de iniciativas no círculo do conhecimento para o domínio dos contextos estruturalizantes dos instrumentais que estão à disposição dos cidadãos-consumidores. Mas advogam-se ainda aprofundamentos específicos quanto aqueles que os comunicadores usam nas suas ações profissionais cotidianas, integrando-os nos processos produtivos e aumentando sua eficiência cognitiva nas dimensões da percepção, memória, fertilidade e lógicas narrativas. Fala-se, portanto, do delineamento racional para a imersão e de uma forma de *convergência* científica produtiva em estudos sobre as formas de captação, edição e difusão no contexto das manifestações comunicacionais *ad infinitum*, tanto nos espaços de espalhamento de dados nos meios entendidos como *tradicionais*, quanto naqueles da cultura digital mais ampla, instantânea, móvel e em tempo real. Isto, pois, de uma forma ou outra, esses processos de *construção* estão presentes tanto nos instrumentos pessoais, que possibilitam ações no *mundo real*, quanto nos que oferecem inesgotáveis retornos e possibilidades de interação no cenário da virtualidade. E não mais centrados na analogia dos suportes tradicionais e unidirecionalidade da televisão (VILCHES, 2003, p.238).

Sabe-se que tal mobilização se faz necessária uma vez que os comunicadores ainda navegam timidamente pelo território tecnológico em suas estruturantes dimensões conceituais (SQUIRRA, 2002, p.50). Não por incapacidade, mas por escape advindo do que ficou cunhado como a *crise dos paradigmas* na qual a área da comunicação adentrou décadas atrás e parece ainda se encontrar imersa. Esse impasse filosófico é compreensível, pois as décadas posteriores aos anos de chumbo do golpe militar de 1964 fizeram aflorar volume expressivo de estudos com focos *estranhos* à área, conforme o filósofo e pesquisador de comunicação Wilson Gomes alertou e merece ser observado cuidadosamente<sup>iv</sup>.

### **Tecnologias incessantes**

Em evidência irrecusável, a tecnologia está concretamente presente em nossas casas e vidas, nos vasculha internamente e, em processo já palpável, estará mesmo embutida no corpo humano. Ela está no dia-a-dia do trabalho, lazer e ações e manifesta-se em todas as decisões de compra, aquisição de cultura e conhecimento, no controle dos filhos e no gerenciamento dos bens móveis e imóveis. Está presente no acesso às informações essenciais, na troca instantânea de mensagens, no controle e compra (em frações de segundo) de ações na bolsa, na administração da conta e na vigília do saldo bancário. As telecomunicações e a medicina robótica são exemplos reais da magnanimidade tecnológica, não mais operando em base analógica e linear (PAVLIK, 1996, p.373). Os carros e eletrodomésticos mudaram e têm *encorpados* equipamentos que protegem e facilitam a vida familiar, aumentando o conforto e a segurança<sup>v</sup>. Importante frisar que todos se acostumaram tão intensamente com essa realidade, que as tecnologias se tornaram ubíquas e só se percebe a existência e dependência dessa miríade tecnológica quando elas não funcionam. Inequivocamente, esta onda atinge todos, sejam os seduzidos *techno-addicts*<sup>vi</sup> ou os reticentes *naturebas* tecnológicos (ou luditas<sup>vii</sup>).

Assim, os que não se interessam pela atualização tecnológica correm o risco de alguma forma de “exclusão digital”, uma vez que mesmo aqueles que correm para entender o que a indústria produz levam choques com o que se deparam. Mas, antes dos equipamentos em si, as barreiras podem mesmo emergir, por exemplo, no enfrentamento do que significam os vocábulos que definem as aplicações. Afinal, o que *technopolis*, realidade virtual, tecnologia da informação, *SmartTV*, *FlipCam*, *Web Semântica*, Flickr, Facebook3.0, FlipBoard, Ustream, Kinect, 4Shared, HTML5, Jogos Sociais, *haptics*, ciberespaço, *crowdsourcing*, *wired cities*, inteligência sintética, *level design*, 3G, URL, UHDTV, diálogo preditivo, FourSquare, Instagram, MUD, NetFlix etc. realmente querem dizer e fazem? E aqui vale uma constatação nada tranquilizadora: acrônimos e denominações novos são continua e incessantemente forjados, sendo que a maioria diz respeito às práticas comunicacionais. Assim, nos parece que o domínio pleno dos recursos tecnológicos classifica os que querem - ou necessitam - viver no bojo da Era da Informação, sendo claro o caso dos comunicadores, centradamente os jornalistas.

São mais de 40 anos de contínuas inovações nas bases da comunicação: do vídeo-cassete (1970), passando pelos *laser-discs* (1974), *Pong*, *videogame* da Atari (1975), Walkman, da Sony (1979), câmeras VHS (1981), disco CD e CD player (1982), *videogame*

Nintendo (1985), Tetris (1988), CD interativo (1991), *mini-disc* (1993), TV via satélite (1994), DVD (1996), HDTV, a TV de Alta Definição (1998), TV de plasma e Xbox (2001), *Blu-Ray Disc* e HD-DVD (2004), o IPTV (2005), U-HDTV (2006), TV a laser e 3D (2008), TV com LED e OLED, (2009). Aliás, em 2005 uma nota da Agência Reuters advertia que a *TV para celulares estava preparada para atingir as massas!*, sinalizando que a possibilidade de enviar entretenimento e informação às pessoas em movimento era concreta, o que alteraria os modos de produzir conteúdos nesses cenários novos. É o que já se experimenta hoje. A velocidade é estonteante e mal a sociedade se acostumara com as máquinas digitais de conexão, a revista *Wired*, que tem enorme penetração mundial afirmou que a *Web está morta*<sup>viii</sup>. Especialistas avisam que para sentir-se participante do universo das tecnologias digitais, as pessoas deverão se inserir em três grandes segmentos: a) a computação em nuvem (armazenar tudo, em algum lugar, acessando online inclusive todos os programas, aplicativos, *softs* de jogos, etc. que até então residiam localmente nas máquinas pessoais), b) a *internet das coisas* (tudo na rede, filmes, livros, discos, televisão etc. em banda larguíssima e em mobilidade plena) e c) a *web semântica* (localização de conteúdos focados e objetivos).

Na comunicação, são frequentes formas de indiferença quanto a capacitação para o uso das tecnologias, advogando-se participação como consumidores do incessante turbilhão de alta tecnologia. E as evidências são indiscutíveis: as produções de jornalismo, televisão, publicidade, rádio, marketing etc. são praticamente realizadas, acompanhadas e difundidas por meio de instrumentos em plataformas totalmente digitais. Da mesma forma, o cinema é praticamente digital, já sendo feitas experiências em sistemas de altíssima definição, no sistema 4K. Assim, a migração para essas plataformas é total e irreversível (FERRARI, 2007, p.82), e em boa parte do globo a transmissão de TV já é digital, interativa, multidirecional e em alta definição e onde o som, de esmerada qualidade, envolve os telespectadores no mágico sistema 7.1 (MONTEZ e BECKER, 2005, p.38). Assim, mergulhar nas tecnologias digitais é imprescindível, pois o próprio jornalismo migra consistentemente para as plataformas digitais, demonstrando que o que poderá perecer são as práticas do mundo analógico. E, confirmando esta tendência, três exemplos demonstram a dinâmica da migração na área: o *PulseNews*, o *Flipboard* e o *Zite*.

Ainda no idioma inglês, são boletins informativos customizáveis que mostram novas direções do fazer jornalístico, todas suportadas nas mídias digitais. O *PulseNews* é um

aplicativo (software amigável) jornalístico que roda nos *tablets* e é um sedutor e interativo recurso que torna divertido e envolvente o ato da leitura de notícias. Em formato de mosaico colorido agrupa notícias, com manchetes sobre os assuntos em faixas horizontais, com temas e fotos que definem os temas expostos. O *FlipBoard* é outra forma de boletim de notícias digitais altamente atraente, pois faz uso intenso de bonitas fotos e ilustrações, em animação que convida o usuário a entrar no serviço. Deslizando o dedo na tela da direita para a esquerda, (como nos jornais ou livros) aparecem as editorias tais como *News, Tech, Lifestyle, Oprah* e um mosaico que convida a adicionar outros temas, entre eles: *Photos&Design, Tech&Science, Sports, Local, Travel, Style* etc. É possível partilhar a notícia, enviá-la por email, assisti-la ou lê-la no site. O *Zite* assemelha-se aos demais, e disponibiliza editorias sobre *Film&TV, ScienceNews, SocialMedia, Techonology, IPTV*, etc. permitindo customizar as editorias quase infinitamente, pois permite criar temas de seu interesse. Pergunta se ‘gostou de ler a notícia’ e se deseja ‘saber mais sobre o mesmo tema’, pois o *software* ‘lê’ os temas das matérias selecionadas e inteligentemente busca assuntos com o mesmo teor. Veja quanta tecnologia *embutida* nisto!

As inovações advindas da tecnologia digital explodiram as comunicações à distância, tendo se tornado talvez sua essência mais expressiva. O número de aparelhos telefônicos móveis supera o de fixos e passou de 240 milhões. Esse recurso permite que, além da voz, outras formas de comunicação visual e sonora se apresentem nas telas dos celulares e onde a TV se materializou nos *tablets* e *smartphones*<sup>ix</sup>, que permitem ainda navegar plenamente pela rede<sup>x</sup>. Conhecer e analisar os meandros destes recursos comunicativos diz respeito aos jornalistas, pois estes recursos são multimidiáticos e de forte penetração no mundo jovem, contingente de alto consumo de processos digitais.

Nesse contexto, indagam-se as razões da pouca inserção nesse *oceano* ainda não robustamente familiar aos comunicadores, favorecendo o mergulho para a compreensão dos princípios técnicos desses instrumentais, uma vez que ao entrar no mercado, todo comunicador deverá fazer uso intenso dos mesmos. Será razoável aceitar a decisão de *cerrar fileiras* ideológicas no distanciamento dos processos tecnológicos? Não seria essa, justamente, a razão que em nosso país estaria provocando tanta aversão do mercado com relação aos egressos das faculdades de comunicação? Não estaria aí a razão prática que vem fazendo com que as casas editoriais e de jornalismo passassem a preparar cursos *complementares* para a formação - *para*

*a ação* - dos estudantes graduados nas escolas? Não se aninharia aí o viés que faz com que poucos estudantes montem suas próprias empresas, uma vez que precisam se *amparar* em experiências consolidadas antes de, eventualmente, partir para vãos *solo*? Estas realidades desestimulam a inovação e o empreendedorismo, lembrando que tais princípios movem, entre outras nações, os EUA, a sociedade mais tecnologicamente desenvolvida, com os exemplos de produtos e empresas que surgem nas *garagens* das casas e laboratórios das universidades.

Os jornalistas deveriam entender as implicações históricas da tecnologia na vida do homem. Precisariam contextualizar a real contribuição das máquinas nas sociedades<sup>xi</sup>. Deveriam estudar as transformações advindas com a chegada destas no universo das ações de comunicação que distinguem o homem dos outros seres, e dominar as infindáveis performances dos instrumentos tecnológicos que usam. E se pesquisam usando a Lógica Booleana, se entendem a máquina de Turing, a Entropia de Shannon etc.<sup>xii</sup> Aliás, qual a porcentagem desses que conhecem os infindáveis recursos presentes nos populares softwares de edição de textos e de imagens e sons? O que dizer das planilhas de cálculos, construção de desenhos, criação de imagens animadas, montagem de jogos etc.? Quantos leram e dominam os manuais dos equipamentos de comunicação que têm na escola ou em casa? E os bancos de dados, que na realidade, são mais *fortalezas* de informações? São perguntas que trazem inquietações, sobretudo pela aparente indiferença com tais temas.

O que poderia alterar esta realidade seria a definição dos contornos dos conceitos e suas intersecções, convergências e amplitudes, focadamente no entendimento do papel das tecnologias, justamente aquelas típicas dos processos comunicativos, a partir da adesão e do uso consciente das mesmas. Assim, é importante a organização de iniciativas científicas, na área da comunicação, com o estabelecimento de ações e estudos claramente contributivos nesta direção. E não se conformar com a resignada importação de conceitos e a simplória *clonagem* (aliás, processos repetitivos de *copia e cola*) dos mesmos e com as maquiagens teóricas que se presencia. A objetividade dessas constatações não oferece muitas saídas, a não ser iluminar a necessidade de se realizar esforços monumentais em inovação e domínio tecnológicos, conjuntamente com pesquisa e produção científicas transversais.

### **Ações e pensamentos positivos**

Indo além da argumentação crítica, aproveito para apresentar alguns desafios para os cursos onde se formam jornalistas, importante setor que poderia trazer contribuições concretas de inovação se, além do que fazem, incluíssem tempo e espaço para:

a) implementar práticas pedagógicas com foco nas tecnologias, sobretudo as digitais e em tempo real; b) fomentar o incremento das particularidades conceituais do ferramental tecnológico da comunicação digital e suas aplicações concretas nas práticas jornalísticas contemporâneas; c) montar espaços laboratoriais para o aprendizado técnico com os distintos recursos digitais já disponíveis para as ações dos jornalistas, d) estimular ações inovadoras para um jornalismo de domínio tecnológico, voltado para experiências isoladas e desatreladas do *mainstream* editorial e e) construir relacionamentos e investigações transversais e consolidar uma base de referências teóricas sobre as tecnologias, organizando arcabouço bibliográfico prático para os jornalistas enquanto estudantes.

Incrementar ações nesta direção poderá ajudar a impulsionar significativamente o domínio tecnológico pelos comunicadores, sobretudo se for feita aproximação com os produtores (de conteúdos e de equipamentos) e interdisciplinarmente envolvendo centros de estudo de outras áreas do conhecimento (engenharia, física, matemática, ciências cognitivas, inteligência artificial etc.), pois a convergência também deve ser conceitual. É importante definir que se deve partir do *início*, sem receios, pois a dimensão tecnológica é muito mais complexa e delicada de ser decifrada do que os seguidores dos profetas parecem ver. Trata-se de setor que requer deslocamentos interdisciplinares decisivos e dedicados para que se possa decodificar suas intrincadas ramificações, métodos, sujeitos e abrangências. Assim, pela riqueza e complexidade do tema, é de se esperar que os pesquisadores façam mais que só se limitar de forma insistente à simples sedução pela reprodução descontextualizada dos modismos filosóficos. Justifica-se, mesmo, a implantação de uma *Wikimidia*, espaço de estudo centrado na pluralidade e modernidade dos repositórios, modos de pesquisa (KOCH, 1991, p.196-224) e bases conceituais que se experimenta no cotidiano. E, de forma inequívoca, que se disponham a oferecer aos estudantes o aprendizado prático e útil que a sociedade demanda. Sabe-se que apesar do número volumoso de possibilidades, isto se dará homeopaticamente, pois o extraordinário conjunto de recursos tornar-se-á familiar e a produção se fará palpável com o tempo.

Num resgate do desempenho da Comunicação não é exagero afirmar que a produção bibliográfica ainda é relativamente baixa, se tivermos como foco as tecnologias digitais empregadas nas formas de produção e acesso da atualidade. Isso, sobretudo com obras que reflitam angulações feitas a partir de análises centradas em estudos e avaliações sobre a construção dessas tecnologias e suas *lógicas* ordenadoras constitutivas, as formas operacionais de sua arquitetura, os princípios dos seus aplicativos, a usabilidade ergonômica dos aparelhos, tendo como parâmetro o ser humano e, especificamente, a ação dos conjuntos tecnológicos na mente e na cultura dos jornalistas. E, neste sentido, se destacam os pesquisadores Alex Primo (2007) e Pollyana Ferrari (2003, 2007), e a obra *TV Digital, desafios para a comunicação* (SQUIRRA e FECHINE, 2009), pois o cenário das tecnologias digitais em uso nas comunicações justifica olhares interdisciplinares que promovam trocas científicas abertas e corajosas entre os segmentos científicos indicados, ampliando o foco investigativo em formato transdisciplinar, evitando a produção de conhecimento elaborada por investigadores organizados em cenários isolados. Apesar de alguns pesquisadores terem constatado tal contexto, a delimitação territorial é significativa e cientistas desses segmentos vêm postergando investidas mais consistentes, especialmente no recorte que aqui se preconiza. Que, reitera-se, é aquele da interação acadêmica transversal envolvendo grupos e pesquisadores das engenharias, da neurociência, das ciências da informação e das comunicações, entre outros, irmanados em estudos referentes aos aspectos tecno-científicos das mídias digitais da modernidade. Pois, como adianta James Canton “a convergência da TV, do computador, da rede e do telefone irá resultar em novos modelos de negócios, em novos mercados e em canais eletrônicos que revolucionarão os negócios” (2001, p. 26). É o que está acontecendo.

Dada a base essencialmente humanista dos cursos de comunicação, a maioria com alta sintonia no ludismo (mas também limitados ao fato de as instituições evitarem investimentos em laboratórios e estúdios), entende-se o distanciamento de seus programas pedagógicos das razões, estruturas e aplicações tecnológicas dos instrumentos de comunicação, o que historicamente impede os estudantes de entender e obter o máximo rendimento dos equipamentos que utilizam. E mais: definem estes como *secundários* no processo do domínio das inúmeras formas conceituais que se apresentam para as tarefas jornalísticas. Assim, excetuados os alunos *especialistas* (aqueles que complementam sua formação fora dos bancos

escolares), poucos são aqueles que entendem coisas simples, como é o caso de uma lente de câmera fotográfica (que tem processo semelhante às aquelas de cinema ou televisão) e o que representa a profundidade de campo, a relação volumétrica das imagens, a composição espectral dos filtros, as características dos filamentos que compõem as lâmpadas que iluminam os cenários, os softwares para animação, para edição, os movimentos e usos de zoom etc.

## **Conclusões**

Pelas razões aqui apresentadas, entende-se que é justo concluir que como segmento cultural e profissional, o jornalismo não se encontra em crise intransponível de identidade. Sabe-se que na academia, a área precisa de amplitude investigativa e ousadia pedagógica. Foi tal constatação que motivou este pesquisador a propor a criação de uma Engenharia das Comunicações<sup>xiii</sup>, na pertinência de um segmento de estudos com foco nas Tecnologias do Jornalismo (ou das comunicações), mergulhando nas tentações do mundo wikimidiático, em tempo real, *full time* conectado e em mobilidade incessante. É justamente o que vem acontecendo com as chamadas Mídias Sociais, como demonstra Pollyana Ferrari (2010).

Concretamente, a constante “tecnologização” que se vivencia no mundo digital incorpora a convergência midiática, permitindo multiplicar o número e a visibilidade dos relatos, incluindo os assuntos antes desprezados, mas considerados relevantes por vários segmentos sociais, abarcando desde os conglomerados fortes aos frágeis grupos sociais, do escritor com renome ao estudante da periferia, da multinacional à pequena empresa local. Com novas pautas e focos, em atualizações contínuas, com novas angulações, novos produtores, em produção ininterrupta até o esgotamento dos temas. E, os relatos estarão permanentes nos arquivos “nas nuvens”, em formato que poderia ser denominado de “espiralação” infindável das notícias.

Por isso, e apesar de constatar que o jornalismo nas versões costumeiras vem sofrendo com palpável diminuição da sua penetração social, no universo digital essas e as novas formas e enfoques sinalizam que pode estar sendo estruturados novos modelos de práticas que abrangem tanto a chamada ‘indústria’ jornalística quanto seus profissionais mas, sobretudo, a sociedade, que passa a ter muito mais relatos e angulações para formar opiniões e se orientar.

É importante pontuar que, fruto do desenvolvimento e do barateamento dos recursos digitais, surge é o jornalismo ‘pessoal’, onde o indivíduo torna-se ativo, justamente um

emissor de relatos. Sensíveis a esta tendência, veículos abriram espaços em seus *sites* para abrigar as vozes do que passou a ser chamado ‘jornalismo cidadão’. Os principais jornais (BBC, *New York Times*, o Globo, Estadão, etc.) implantaram canais virtuais para que estes produtores contribuam na cobertura dos fatos, com textos e fotos.

Assim, uma evidência se destaca: com a convergência nativa, o jornalismo está vibrante e tornou-se muito mais plural hoje que tempos atrás, pois está incluindo a pluralização das fontes, com pautas transversais, multiplicou opiniões e, assim está explodindo nas plataformas de exposição de notícias. A alta densidade formativa de tais iniciativas e pertinência acadêmica das mesmas nos impulsionam a conclamar parceiros para viagens científicas nessa direção.

---

<sup>i</sup> Argumentos presentes no texto *Tecnologia, comunicação e interdisciplinaridade*, publicado no livro *A interdisciplinaridade na comunicação-Pesquisa e profissionalização*, de Patrícia Kay (org.). Edições AbreOlhos, Suzano, 1999, p. 120-135

<sup>ii</sup> De fato, esta obra alerta os jornalistas acerca da necessidade do conhecimento das tecnologias digitais de acesso às informações que então surgiam para o pleno exercício da profissão de jornalista.

<sup>iii</sup> Texto *A convergência tecnológica* foi publicado na edição de Agosto de 2005, na Revista Famecos no.27, do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUCRS, p. 79-85

<sup>iv</sup> O pensamento de Wilson Gomes sobre este assunto está no texto *O estranho caso de certos discursos epistemológicos que visitam a área da Comunicação*. In: Lopes, Maria Immacolata (org.) *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 313-330.

<sup>v</sup> Um proprietário ficou estarrecido ao constatar que, ao deixar seu carro na montadora estrangeira, o mesmo estava sendo avaliado por técnico francês, em tempo real, da fábrica perto de Paris, a partir da conexão do “chicote” do veículo a um computador ligado na rede.

<sup>vi</sup> *Viciados em tecnologia*

<sup>vii</sup> Neste assunto destaca-se o excelente livro *Rebels against the future*, de Kirkpatrick Sale, New York: Perseus Book, 1995

<sup>viii</sup> Capa da Revista *Wired*, de Setembro de 2010

<sup>ix</sup> Previsões indicavam que as vendas de *smartphones* deverão crescer 73% no Brasil, em 2012, colocando o país como 4º. maior mercado no mundo neste tipo de recurso.

<sup>x</sup> A telefonia 4G está prometida para ter as linhas leiloadas no mês de maio de 2012 e sua implantação completa programada para a Copa do Mundo de 2014.

<sup>xi</sup> Vale destacar a obra *A beleza das máquinas*, de David Gelernter. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

<sup>xii</sup> Conceitos presentes no excelente livro *O Bit e o pêndulo*, de Tom Siegfried. Rio de Janeiro: Campus, 2000

<sup>xiii</sup> Conceito exposto no texto publicado na **Revista Ciberlegenda**, do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, v.1, p.71-81, 2011, no. 25

## Referências bibliográficas

CANTON, J. *Technofutures. Como a tecnologia de ponta transformará a vida no século 21*. São Paulo: BestSeller, 1999

---

FERRARI, P. *Hipertexto, hipermídia*. São Paulo: Contexto, 2007  
GARRISON, B. Computer-assisted reporting. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1995  
KOCH, T. *Journalism for the 21<sup>st</sup> century. Online information, electronic databases and the news*. Westport: Praeger, 1991  
MONTEZ, C. e BECKER, V. *TV Digital interativa*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.  
PAVLIK, J. *New media and the information superhighway*. Boston: Allyn and Bacon, 1996  
PRIMO, A. *Interação mediada por computador*. Porto Alegre: Sulina, 2007  
REDDICK, R. e KING, E. *The online journalist. Using the internet and other electronic resources*. Fort Worth: Harcourt Brace College Publishers, 1995  
SQUIRRA, S. *O telejornalismo na internet*. Comunicação & Sociedade no.38. São Bernardo do Campo: Editora da Umesp, p.43-54  
VILCHES, L. *A migração digital*. São Paulo: Loyola, 2003